ReGeo ISSN: 2177-3246

O FEMININO E A MATERNIDADE: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA TEORIA DE JOÃO DOS SANTOS

THE FEMININE AND MOTHERHOOD: A DISCUSSION BASED ON THE THEORY OF JOÃO DOS SANTOS

FEMINIDAD Y MATERNIDAD: UN ANÁLISIS BASADO EN LA TEORÍA DE JOÃO DOS SANTOS

https://doi.org/10.56238/revgeov17n10-074

Data de submissão: 12/09/2026 **Data de publicação:** 12/10/2026

Ana Larisse do Nascimento Maranhão
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)
E-mail: la.maranhao@gmail.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9634-9666
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5938937546696468

Patrícia Helena Carvalho Holanda
Pós-doutora em Educação
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)
E-mail: patricia.holanda@ufc.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8233-1190
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0578752312396260

RESUMO

A menina, a mulher, a mãe e a avó; essas são figuras, personagens e fases da vida feminina retratadas em diferentes épocas e sociedades. Na era do consumo, em que a mídia ditava padrões de identidade e as relações sociais se transformavam em interações virtuais, o tempo parece se retomar à duração de um vídeo no TikTok. Neste contexto, abre-se um campo de indagações que colocam a figura feminina como centro de discussão. Nosso objetivo é levar o leitor a uma reflexão sobre a relação entre o ser mulher e o ato de gestar, entre o feminino e a maternidade, entre ser mãe e educar. Para isso, recorremos a uma discussão teórica sobre o feminino a partir de autoras como Bebel Nepomuceno (2012); Carla Bassanezi Pinsky (2004); Cláudia Fonseca (2004); Joana Maria Pedro (2012); Michelle Perrot (2007) e Simone de Beauvoir (2016), que abordam o papel da mulher na sociedade sob diferentes perspectivas. Além disso, fundamentamos a reflexão sobre a maternidade na teoria de João dos Santos (2016; 2018), que destaca sua importância no desenvolvimento mental e emocional infantil. Com base na bibliografia estudada, consideramos que o papel da mulher continua sendo um campo de disputa contra padrões e ideais ultrapassados, que ainda a colocam em posição de inferioridade em relação ao homem. Ser mulher e gestar, transitar entre o feminino e a maternidade, ser mãe e educar são faces da mulher contemporânea, que busca ter o direito de ser aquilo que quiser.

Palavras-chave: Maternidade. Feminino. Educação.

ABSTRACT

The girl, the woman, the mother, and the grandmother; these are figures, characters, and phases of female life portrayed across different eras and societies. In the consumer era, where media dictated

identity standards and social relations shifted into virtual interactions, time seems to have shrunk to the duration of a TikTok video. This context opens up a field of inquiry placing the female figure at the center of the discussion. Our aim is to prompt the reader to reflect on the relationship between being a woman and the act of childbearing, between the feminine and motherhood, and between being a mother and raising a child. To this end, we draw upon theoretical discussions regarding the feminine by authors such as Bebel Nepomuceno (2012), Carla Bassanezi Pinsky (2004), Cláudia Fonseca (2004), Joana Maria Pedro (2012), Michelle Perrot (2007), and Simone de Beauvoir (2016), all of whom address women's roles in society from various perspectives. Furthermore, we ground our reflection on motherhood in the theories of João dos Santos (2016; 2018), who highlights its importance for children's mental and emotional development. Based on the literature reviewed, we consider the role of women to remain a contested arena, challenging outdated standards and ideals that still position them as inferior to men. Being a woman and bearing a child, navigating the space between the feminine and motherhood, and being a mother and an educator are all facets of the contemporary woman, who seeks the right to be whatever she chooses.

Keywords: Motherhood. Femininity. Education.

RESUMEN
La niña, la mujer, la madre y la abuela: estas son figuras, personajes y fases de la vida femenina representadas en diferentes épocas y sociedades. En la era del consumo, donde los medios dictan patrones de identidad y las relaciones sociales se transforman en interacciones virtuales, el tiempo parece reducirse a la duración de un video de TikTok. En este contexto, se abre un campo de investigación que sitúa la figura femenina en el centro del debate. Nuestro objetivo es invitar al lector a reflexionar sobre la relación entre ser mujer y el acto de gestación, entre lo femenino y la maternidad, entre ser madre y educar. Para ello, recurrimos a un análisis teórico de lo femenino basado en autoras como Bebel Nepomuceno (2012); Carla Bassanezi Pinsky (2004); Cláudia Fonseca (2004); Joana Maria Pedro (2012); Michelle Perrot (2007) y Simone de Beauvoir (2016), quienes abordan el rol de la mujer en la sociedad desde diferentes perspectivas. Además, basamos nuestra reflexión sobre la maternidad en la teoría de João dos Santos (2016; 2018), quien subraya su importancia en el desarrollo mental y emocional de los niños. A partir de la bibliografía consultada, consideramos que el rol de la mujer sigue siendo objeto de debate frente a patrones e ideales obsoletos que aún la sitúan en una posición de inferioridad con respecto al hombre. Ser mujer y gestar, transitar entre la feminidad y la maternidad, ser madre y educar son facetas de la mujer contemporánea, que busca el derecho a ser quien quiera ser.

Palabras clave: Maternidad. Feminidad. Educación.

1 INTRODUÇÃO

Não pense você que ao se tornar Mãe
uma mulher abandona todas
as mulheres que já foi um dia.
Bobagem.
Ganha mais mulheres
em si mesma.
(Cris Guerra)

A menina, a mulher, a mãe e a avó — essas são figuras, personagens e fases da vida feminina que, ao longo da história, foram retratadas em diferentes épocas e sociedades. Muitas vezes, a mulher foi considerada um ser inferior, um homem inacabado, o "sexo frágil". Mas, em meio às revoluções tecnológicas, sociais e culturais da atualidade, em um mundo onde tudo está na rede, como o ser mulher é percebido?

Nesta era do consumo, em que a mídia dita as regras do ser ou não ser, em que as relações sociais se transformam em interações virtuais e o tempo se reduz à duração de um vídeo no TikTok, como a mulher é representada? Vivemos um momento da história que impõe à mulher a busca pela perfeição: é preciso ser a melhor filha, a mais bela, a melhor esposa, a melhor mãe. Mas quem define esse "melhor"? Será que eu quero ser esse melhor?

Neste contexto, abre-se um campo de indagações que colocam a figura feminina como centro de discussão, numa perspectiva biológica, filosófica, social, política, entre tantos outros campos. Diante desse leque, destacamos: neste caos de consumo desenfreado, de competitividade exacerbada, de relações sociais e emocionais em transformação, o que dizer da mulher-mãe? Da mulher, que se torna mãe, e que é também trabalhadora?

A partir do exposto, tencionamos levar o leitor a uma reflexão sobre a relação entre o ser mulher e o gestar, entre o feminino e a maternidade, entre o ser mãe e o educar. Essa proposta parte de uma perspectiva teórica que concebe a maternidade como um momento ímpar para a mulher que se torna mãe, como também para a criança, que constrói um elo com a humanidade desde o ventre materno. Assim, trazemos um dos elementos da proposta teórica de João dos Santos, que encontra na família um dos pilares para a promoção de uma saúde emocional e mental para a criança.

Este texto apresenta uma discussão sobre o feminino com base em autoras como Bebel Nepomuceno (2012), Carla Bassanezi Pinsky (2004), Cláudia Fonseca (2004), Joana Maria Pedro (2012), Michelle Perrot (2007) e Simone de Beauvoir (2016), que analisam o ser mulher e o papel do feminino na sociedade sob diferentes perspectivas. Além disso, fundamentamos a reflexão sobre a

maternidade na teoria de João dos Santos (2016; 2018), que considera a maternidade uma etapa essencial para o desenvolvimento mental e emocional da criança.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste texto, optou-se por uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e teórico-reflexivo.

Ancorada na perspectiva qualitativa que nos conduz a um universo de significados e reflexões sobre a temática, que segundo Minayo (1994, p. 21),

> responde a questões muito particulares. [A abordagem], ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neste sentido, a partir de uma a discussão bibliográfica sobre o tema "a mulher e o feminino" nas figuras de nomes de pesquisadoras de destaque, como, Cláudia Fonseca (2004), Michelle Perrot (2007), Bebel Nepomuceno (2012), Joana Maria Pedro (2012), Carla Bassanezi Pinsky (2004), e Simone de Beauvoir (2016). Tais pesquisadoras jogam luz a uma discussão sobre o ser mulher e o ser feminino, num aspecto histórico, filosófico, social e político que induz a uma reflexão sobre o ser mulher na atualidade.

Para além, trazendo a lente teórica de João dos Santos, que observa a mulher mãe como figura de extrema importância no desenvolvimento educacional, emocional e mental de crianças, se coloca como objetivo desta discussão: Refletir sobre a relação entre o feminino, a maternidade e o educar numa perspectiva teórica santiana.

3 O FEMININO E A MATERNIDADE

Iniciamos essa discussão com o texto Mulheres Negras de Bebel Nepomuceno (2012), a autora destaca avanços ao que concerne a visibilidade feminina em diversos aspectos da vida social, entretanto, destaca que tais avanços não se deram da mesma forma e no mesmo ritmo para todas as mulheres, principalmente para as mulheres negras.

Desde a abolição até o período republicano, a realidade dessa população — em especial, da mulher negra e pobre — tem sido marcada por repressão, discriminação e desvalorização de seu trabalho, de suas opiniões, de sua cultura e, muitas vezes, de sua própria identidade. Esses aspectos de desigualdade ainda são perceptíveis na sociedade atualmente.

Ao refletir sobre a trajetória da mulher negra, a autora observa uma “degradação” das condições de trabalho desempenhadas por elas no século XX. Sendo a elas delegados trabalhos pouco remunerados, como, “trabalhos ligados à cozinha, à venda de salgados e doces nas ruas e à lavagem de roupas. Serviram também como empregadas domésticas.” (Nepomuceno, p. 403).

Embora esses aspectos sejam característicos do Brasil do início do século XX, Nepomuceno (2012), apresenta dados dos anos 2000 que evidenciam a permanência dessa desigualdade. A mulher negra ainda ocupa uma posição desfavorável no mercado de trabalho, estando em desvantagem quando se trata de gênero, raça e idade.

É inegável que a visibilidade feminina mudou ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. No entanto, é fundamental refletir que essas transformações não ocorreram de maneira uniforme para todas as mulheres. Nesse movimento de mudança, a mulher branca e burguesa conquistou voz e destaque muito antes de as mulheres negras poderem ser ouvidas. Hoje, há mulheres negras ocupando cargos de destaque como ministras, advogadas e médicas, mas ainda enfrentam olhares de estranhamento, reflexo de uma sociedade que continua visivelmente (e historicamente) racista.

Ao abordar a relação entre trabalho e mulher negra, Nepomuceno (2012) destaca que essa parcela da população já desempenhava um trabalho remunerado muito antes das mulheres brancas. Exerceram múltiplas funções, motivadas, muitas vezes, pelo instinto de sobrevivência — não apenas delas próprias, mas também de seus filhos. Citando Florestan Fernandes, o autor ressalta o “papel de artifícios de sobrevivência” desempenhado por muitas dessas mulheres, destacando: “desamparada, incompreendida e destratada, travou sozinha a dura batalha pelo direito de ser mãe” (p.403).

Como professora de uma escola pública localizada na região periférica de Fortaleza, posso relatar que ainda há muitas mães que lutam pelo direito de ser mãe. Em minha experiência, o diálogo com essas mães muitas vezes se dá em situação de “desabafo”, onde trazem a questão da dificuldade financeira de manter seus filhos, da exaustão pelo excesso de atribuições diárias, ou ainda, por estarem sozinhas na tarefa de educar, criar e cuidar de seus filhos.

As crianças, por sua vez, também percebem o sofrimento materno. Nas conversas cotidianas e nas brincadeiras de faz de conta, expressam o impacto das dificuldades vivenciadas por suas mães: a mãe que chora por não poder oferecer pequenos mimos aos filhos; a mãe que trabalha de segunda a segunda para “pôr comida na mesa”; a mãe que sofre violência do companheiro; a mãe que, exausta pelos fardos diários não lê para seus filhos. Embora ainda pequenas, as crianças observam, sentem, percebem o que está à sua volta. E sentem por isso a tristeza, as aflições, e as dificuldades de suas mães.

Neste aspecto, com relação às estruturas familiares, Nepomuceno (2012) destaca que as mudanças observadas nas organizações familiares nucleares já eram vivenciadas pelas mulheres negras muito antes de ser fator visível às demais mulheres, assim coloca a autora:

> As transformações nas estruturas familiares nas últimas décadas apontam para a formação, cada vez em maior número, de famílias conduzidas por chefia feminina, para a redução de famílias do tipo casal e para o crescimento das famílias de uma só pessoa, principalmente nos centros urbanos. Para as mulheres negras, esses "novos arranjos familiares" apenas trouxeram visibilidade e legitimidade a uma situação vivida por elas há muito tempo (p.413).

De acordo com Carla Bassanezi Pinsky (2004), no texto Mulheres dos Anos Dourados, a autora destaca que no Brasil dos anos de 1950 propagava-se um ideal de família em vários meios de comunicação, onde se caracterizava por padrões como: "branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos" (p. 609). Se observa que este é um ideal de família burguesa divulgado e incentivado por meios de comunicação de massa, que contempla uma parcela da população, enquanto outra parte, aquela que não se "encaixa" nesse perfil, demanda uma outra constituição familiar, está orbitando na figura feminina como provedora e reguladora das relações familiares.

Cláudia Fonseca (2004), no texto Ser Mulher, Mãe e Pobre, reflete sobre a dinâmica familiar em grupos sociais, e resgata a discussão de Philippe Ariès em sua obra História Social da Criança e da Família. Ao abordar a questão da família nuclear, assim discute: "esse autor tem como hipótese central a transformação da sociedade tradicional pela gradativa polarização da vida social em torno da família nuclear" (p. 520). Observa que, com o advento da família burguesa, se rompe com velhas práticas culturais de uma educação comunitária e de "família alargada", para se expandir ao ideal de família nuclear (pais e filhos) e a uma educação escolar.

Fonseca (2004) ao discutir sobre o volume III da *Histoire de la famille*, de Martine Segalen e Françoise Zonabend, um aspecto chama a atenção, é quando estas trazem a questão das redes de apoio na família contemporânea. Fonseca (2004), a partir de Segalen e Zonabend, coloca: "A importância dessas redes, dizem as autoras, não é de ontem. Porém, só agora os historiadores estão reconhecendo e valorizando sua existência (p. 545)". Conforme a autora:

> Sabemos agora que a família patriarcal extensa, longamente pautada como protótipo da família no Brasil, diz respeito a apenas uma pequena parcela da história brasileira. Temos provas de que a urbanização não traz a nuclearização inevitável da família; muitas vezes, antes ao contrário, as redes de parentesco são fortalecidas, tornando-se indispensáveis para a integração dos trabalhadores da cidade (Fonseca, p. 545).

É interessante observar que nas últimas décadas a constituição familiar adquiriu outros moldes, atualmente é bem comum nos depararmos com famílias chefiadas por mulheres, monoparentais,

homoafetivas, entre outras constituições familiares. Hoje em dia, visualizamos novos esquemas familiares, onde muitos têm como figura nuclear a mulher, seja ela a mulher-mãe, a mulher-avó, ou ainda as mulheres que circulam ao redor da criança, como tias, madrinhas, primas e outras. Retomando a ideia de uma família alargada em suas relações familiares e de afeto.

Outro ponto importante, e observado por Pinsky (2004), é o papel que a mídia social desempenha como reguladora de costumes, ditando moda e regras de conduta e convívio, estabelecendo papéis para cada grupo social. "Para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, *a sagrada missão feminina*, da qual dependia não só a continuidade da família, mas o *futuro da nação*" (Pinsky, 2004, p. 633-634). (Grifos da autora). Com relação à maternidade, Pinsky (2004) destaca:

> Ficava claro, contudo, que a maternidade só estaria isenta de reprovações se ocorresse no âmbito de um casamento legítimo, "em condições que permitam à criança o ambiente natural de uma família normalmente constituída". Os filhos ilegítimos e os de pais separados eram estigmatizados. A mãe solteira, mesmo que fosse reconhecida por sua coragem em arcar sozinha com as responsabilidades de um erro sem ter procurado uma solução mais fácil e imediata - o aborto -, ainda que monstruosa do ponto de vista moral, sofria fortes discriminações. Sua redenção poderia vir se passasse a viver respeitavelmente e em função do filho, tentando, com isso, minimizar seu grave erro. (Pinsky, 2004, p. 634). (Grifos da autora).

Embora as constituições familiares tenham adquirido novas organizações, quando se trata da maternidade, este parece ainda ser um tabu. Tema delicado e de muitas discussões, não apenas social, mas ainda político e religioso. A mulher, mesmo no século XXI, ainda precisa justificar sua maternidade diante de imposições sociais e perguntas como: Você não está muito velha para engravidar? Você não é muito jovem para ter um bebê? Onde está o pai da criança? Você tem certeza de uma gravidez independente? Você vai ter mais uma criança? Estes ainda são questionamentos bem comuns.

Ainda sobre esse tema, Joana Maria Pedro (2012), em O Feminismo de 'Segunda Onda': corpo, prazer e trabalho, discute que pesquisas sobre sexualidade, o desenvolvimento da medicina e o surgimento da pílula foram fatores que culminaram numa reflexão sobre o corpo e o direito da mulher. Assim coloca:

> A facilidade de obter informações que se tem atualmente sobre o corpo e o prazer sexual não existia em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970. E, mais, durante muito tempo, acreditou-se que a "mulher distinta", "respeitável", não sentia desejo, nem prazer, pois todo seu ser deveria destinar-se à maternidade (Pedro, p. 242).

Embora a discussão sobre o corpo feminino e a maternidade possam ter avançado, inclusive muito em decorrência dos avanços médicos. O que observamos no cotidiano é um crescente número

de meninas jovens grávidas. O que nos leva à questão: Se há meios contraceptivos que podem evitar uma gravidez precoce, por que ainda se observa um grupo tão jovem tornando-se mãe? Levantamos a hipótese de que, embora se tenha fácil acesso aos meios contraceptivos de gravidez, ainda falta diálogo e reconhecimento da jovem quanto ao seu corpo, ao ser mulher e ao que é ser mãe.

Perrot (2007), em Minha História das Mulheres, no capítulo intitulado O corpo, destaca que a longevidade feminina decorre principalmente dos avanços da medicina da mulher, do cuidado e atenção ao corpo. O corpo da mulher conta diferentes histórias a partir de uma representação que retrata seu tempo e lugar na história. Ao longo do texto, a autora discorre sobre as fases da vida da mulher, representadas em diferentes momentos: o nascimento; a infância; a adolescência; a mulher e o casamento; a maternidade; a menopausa e a morte.

Para esta discussão destacamos a relação entre a mulher e a maternidade. Para Perrot (2007),

> A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher. O mesmo acontece, embora em menor grau, com os filhos, que dela recebem a vida, o alimento, uma primeira socialização. Daí o drama do abandono. E o das dificuldades da adoção, consequência do abandono (Perrot, 2007, p. 69).

Ainda segundo a autora francesa, na contemporaneidade, "a função maternal é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência" (p. 69). Destaca também que o parto hospitalar passou a ser uma prática generalizada somente após a Segunda Guerra Mundial, e é com a "medicinização da maternidade e da pequena infância", que passam a ser de interesse político, que se debruça sobre o corpo da mulher um grande interesse nacional (p. 75).

Para Simone de Beauvoir (2016), em O Segundo Sexo: a experiência vivida, no que trata sobre a maternidade, a escritora francesa reflete sobre a recessão de liberdade sobre o corpo da mulher, pois a esta é privada a liberdade de tomar decisões sobre seu corpo, sendo uma delas a de maternar. Assim vemos:

> Há uma função feminina que atualmente é quase impossível assumir com toda liberdade, é a da maternidade; na Inglaterra, na América do Norte, a mulher pode pelo menos recusá-la à vontade, graças às práticas do controle de natalidade; vimos que na França ela é frequentemente acuada a abortos penosos e caros; vê-se muitas vezes com um filho que não queria e arruína sua vida profissional. Se esse encargo é pesado, é porque, inversamente, os costumes não autorizam a mulher a procriar quando lhe apetece: a mãe solteira escandaliza e, para o filho, um nascimento ilegítimo é um grave problema; é raro que se possa tornar-se mãe sem aceitar os grilhões do casamento ou sem decair. [...]. Cumpre acrescentar que, por falta de creches, de jardins de infância convenientemente organizados, basta um filho para paralisar inteiramente a atividade da mulher; ela só pode continuar a trabalhar abandonando a criança aos pais, a amigos ou a criados. Tem que escolher entre a esterilidade, muitas vezes sentida

> como uma dolorosa frustração, e encargos dificilmente compatíveis com o exercício de uma carreira" (Beauvoir, 2016, p. 521).

Aqui, retomamos o que Nepomuceno (2012) destaca como a "batalha pelo direito de ser mãe", embora em outros "moldes", a mulher, de acordo com Beauvoir (2016), precisa a todo o momento garantir que a maternidade é uma escolha. E, para além da escolha da maternidade, precisa garantir diante da sociedade que é capaz de gestar, cuidar, educar a criança mesmo com atribuições profissionais, pois se não o faz, é incapaz de exercer uma profissão.

Em outro aspecto, também realiza uma crítica às políticas públicas de educação, o que pode ser refletido também na realidade brasileira, pois ainda se observam poucos espaços destinados à educação infantil para atender às mulheres-mães-trabalhadoras, que possam garantir a atenção necessária para crianças ainda bem pequenas.

4 JOÃO DOS SANTOS E A MATERNIDADE

No espaço anterior, discutimos a figura feminina em alguns aspectos, como: corpo, família e maternidade. Neste trecho, retomaremos a questão da maternidade e da família a partir de uma perspectiva teórica que concebe a maternidade e a educação num sentido humano e de saúde emocional.

João dos Santos foi um pedopsiquiatra, neurologista, psicanalista, psicopedagogo português que dedicou sua trajetória ao cuidado e à atenção à saúde mental e emocional de crianças. Além disso, destacou a importância do vínculo entre família, escola e assistência em saúde mental para o desenvolvimento emocional e intelectual infantil, especialmente para aquelas crianças que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem.

Na perspectiva santiana, "o grande especialista da criança é a mãe". Neste sentido, destaca-se a importância das relações de cuidado, afeto e vínculo no desenvolvimento infantil, tal como elaboradas por João dos Santos, em diálogo crítico com as transformações históricas das concepções de feminino e maternidade. As relações de amor e afeto constroem as bases para a aprendizagem do gesto, do movimento, da fala, entre outros aspectos. Para o autor português "[...] uma criatura será gente quando tiver ao seu dispor mãe-envolvimento, mãe-cultura, mãe-sonho e inteligência" (Branco, 2000, p. 298).

Ao longo de seus estudos e experiências, principalmente no externato Casa da Praia, centro que se destinava ao estudo, diagnóstico e tratamento de crianças com dificuldades escolares e de aprendizagem. João dos Santos observa que muitas das dificuldades na aprendizagem de crianças

estavam associadas a relações familiares instáveis, decorrentes, muitas vezes, do sofrimento materno devido ao abandono, à situação de traumas do pós-guerra e outros.

Ao enfatizar a importância da relação inicial entre o bebê e a pessoa que dele cuida, João dos Santos aproxima-se de uma tradição psicanalítica que atribui especial relevância às primeiras experiências relacionais para a constituição da vida psíquica. É importante, contudo, distinguir essa concepção da formulação específica do conceito de "fase simbiótica", posteriormente sistematizado por Margaret Mahler. Assim, não se trata de atribuir a João dos Santos a criação desse conceito, mas de reconhecer que sua reflexão sobre a relação primordial entre o bebê e a mãe dialoga com questões presentes no campo psicanalítico acerca da dependência inicial, da diferenciação psíquica e da constituição do sujeito.

Nessa perspectiva, quando João dos Santos destaca a importância da relação entre mãe e filho, seu interesse está sobretudo nas condições afetivas e relacionais necessárias ao desenvolvimento infantil. O cuidado, o acolhimento, a comunicação e a presença do adulto constituem experiências por meio das quais a criança começa a organizar sua relação consigo mesma, com o outro e com o mundo.

Por essa razão, o autor português dedicou especial atenção à maternidade, desenvolvendo uma obra teórica e institucional voltada para a proteção materno-infantil, bem como à prevenção e intervenção na saúde mental infantil. Como pontua Santos (2018, s/p), "[...] em prol da proteção materno-infantil e da prevenção e intervenção em Saúde Mental Infantil". Para ele, "a reforma do ensino deve começar nas maternidades" (Santos, 2016, s/p).

A afirmação de João dos Santos de que "a reforma do ensino deve começar nas maternidades" nos diz que os processos educativos iniciam antes do ingresso da criança na escola. Para Santos, o desenvolvimento infantil começa nas primeiras relações estabelecidas entre o bebê e a mãe ou com as pessoas que cuidam dele, sobretudo nos momentos de acolhimento, alimentação, comunicação, movimento, banho, linguagem e interação. Diante disso, a maternidade aparece como um espaço privilegiado de atenção não apenas à saúde física, mas também às condições emocionais e relacionais que envolvem o nascimento e os primeiros anos de vida da criança.

Diante dessa perspectiva podemos entender que a maternidade é um momento permeado de implicações educativas, sem atribuir somente à mulher-mãe a responsabilidade pelo desenvolvimento da criança. Em sua perspectiva João dos Santos queria nos mostrar a necessidade de oferecer condições favoráveis para que o bebê estabeleça relações de segurança, comunicação e pertencimento desde o início da vida. Por esse motivo, pensar a educação a partir da maternidade significa também pensar políticas de proteção à infância, apoio às famílias e acompanhamento materno-infantil. A "reforma do

ensino", nesse sentido, os limites está para além dos limites institucionais da escola, uma vez que envolve uma concepção de educação que inicia desde as primeiras experiências relacionais.

A experiência de João dos Santos com Henri Wallon (1879–1962) constitui outro elemento relevante para compreender a formação de seu pensamento sobre a infância. Wallon, médico, psicólogo e filósofo francês, dedicou parte significativa de sua obra ao estudo do desenvolvimento infantil, destacando a interdependência entre emoção, movimento, inteligência e relações sociais. Sua perspectiva compreende o desenvolvimento da criança como um processo marcado pela relação dinâmica entre o organismo e o meio, afastando-se de concepções que reduzam o desenvolvimento psicológico exclusivamente à maturação biológica ou à ação individual da criança.

O contato com a perspectiva walloniana contribuiu para ampliar, na trajetória de João dos Santos, a compreensão da criança como sujeito constituído nas relações com os outros e com o meio. Essa dimensão relacional encontra ressonância em sua preocupação com a família, a escola e as condições sociais e afetivas nas quais a criança se desenvolve. Assim, sua atuação no campo da saúde mental infantil não se restringia ao diagnóstico da criança, mas buscava compreender o conjunto de relações que participavam de sua constituição e de suas dificuldades.

Após sua experiência com Wallon no Laboratório de Biopsicologia da Criança em Paris, João dos Santos retorna a Portugal onde desenvolve um serviço de assistência materno-infantil, possibilitando, de maneira inovadora, o acompanhamento físico e mental de mães e filhos desde o nascimento até a idade escolar. Esse serviço oportunizava o tratamento precoce das crianças e oferecia suporte humanizado às mães. Em 1952, criou a Secção de Higiene Mental no Centro Materno-Infantil de Campo de Ourique, que mais tarde se tornaria o Centro Sofia Abecassis. Em 1964, circulava a Secção de Higiene Mental do Centro Materno-Infantil José Domingos Barreiros (Branco, 2000, p. 48).

Retomamos aqui a questão levantada no tópico anterior: apesar do fácil acesso atual aos métodos contraceptivos, ainda há carência de diálogo e reconhecimento, por parte dos jovens, sobre seus corpos, sobre o que é ser mulher e sobre o que significa ser mãe. Consideramos que as iniciativas promovidas por João dos Santos em Portugal nas décadas de 1950 e 1960 poderiam ser replicadas no Brasil (com as devidas adaptações à realidade local), focando especialmente em mulheres e jovens mães que passam por alguma fragilidade física e emocional que possam comprometer os primeiros anos de desenvolvimento da criança. A criação de centros materno-infantis que oferecem orientação e apoio emocional e mental às mães poderia ser uma interessante ação a ser considerada.

Essas iniciativas demonstram a sensibilidade teórica, metodológica e institucional de João dos Santos, que, após estudos e observações sistemáticas sobre a realidade social de mães e filhos, concebeu ações políticas e sociais voltadas tanto para as mães quanto para suas crianças. Nesse sentido,

é fundamental destacar a ênfase que o autor dá à relação de afeto entre mãe e bebê, entre figura de acolhimento e a criança.

De acordo com a teoria santiana, a figura materna proporciona segurança afetiva à criança. Desde a gestação até os primeiros anos de vida, o vínculo materno, expresso em gestos de cuidado e afeto, estabelece uma base essencial para o desenvolvimento emocional infantil. Essa relação afetiva, por sua vez, é um elemento central para a segurança da aprendizagem.

Com base em uma fundamentação psicanalista, João dos Santos concebe o "Complexo de Édipo" como marco importante no desenvolvimento do ser humano, principalmente no que concerne a fatores emocionais e de personalidade, tendo em vista a relação triangular estabelecida entre a mãe, o bebê e o pai. Assim, considera que só ocorrerá aprendizagem quando a criança ultrapassa o Édipo, para estar aberta a novas aprendizagens.

Assim, compreendemos que a relação da criança com a figura materna, geralmente representada pela própria mãe, possibilita a regulação emocional e mental de suas emoções. Já a relação com a figura paterna contribui para o aprendizado das normas sociais e da conduta diante do mundo ao seu redor. É válido destacar, que para o autor as figuras maternas e paternas nem sempre estão associadas a Mãe (mulher) e ao Pai (homem), essas representações podem ser realizadas pelos avós, tios, parentes e amigos próximos, o que realiza a construção dessa relação edipiana é a relação de afeto que a criança irá desenvolver.

Além do exposto acima, conforme a perspectiva santiana, considera-se ainda o conceito de "família alargada", que se caracteriza pelas pessoas que orbitam ao redor da vida diária da criança e com ela desenvolvem relações de carinho, afeto e segurança, este podem ser parentes próximos, padrinhos e outros. A este conceito, percebemos uma aproximação ao que Fonseca (2004), a partir de Segalen e Zonabend, diz sobre "redes de apoio da família", pois com uma constituição familiar nuclear, formada por poucos membros, essa rede de apoio, ou ainda de família alargada, tornam-se suporte para o cuidado e atenção com a criança; principalmente para mulheres-mães que trabalham fora de casa.

Assim, consideramos que a proposta santiana dialoga com a proposição do reconhecimento do feminino, e da mulher na maternidade, pois traz elementos que propõem a saúde materno-infantil, da própria mãe na promoção de uma saúde mental infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o momento de encerramento deste ensaio, retomamos a proposta que inicia essa discussão, qual seja: Refletir sobre a relação entre o ser mulher e o gestar, entre o feminino e a maternidade, entre o ser mãe e educar, a partir de leituras de pesquisadoras que discutem sobre o feminino em diferentes

momentos da história, como também a partir de um dos elementos presentes na proposta teórica de João dos Santos, que encontra na família um dos pilares para a promoção de uma saúde emocional e mental para a criança.

Nepomuceno (2012) retrata a mulher negra na história do Brasil e na atualidade, destacando a luta pela maternidade em condições adversas para mulheres negras e pobres — uma realidade ainda presente. Pinsky (2004), ao analisar o feminino na década de 1950, evidencia aspectos que permanecem atuais, como a influência da mídia na imposição de valores e padrões normativos. Fonseca (2004) conduz uma discussão sobre a mudança nos modelos familiares, enfatizando o distanciamento da família nuclear em favor de novas formas de organização parental, além de abordar a importância das redes de apoio no cuidado e na educação das crianças

Pedro (2012) e Perrot (2007) discutem, sobretudo, a questão do domínio e da liberdade sobre o corpo feminino, ressaltando como os avanços científicos possibilitaram à mulher decidir quando, como e se deseja engravidar. Essa questão ultrapassa o âmbito do direito individual e adquire um caráter político, como no debate sobre a legalização do aborto. Beauvoir (2016) reflete sobre temas que envolvem o feminino, abordando a família, a maternidade, a sexualidade e a liberdade de pensamento e ação em uma sociedade ainda marcada pelo machismo e pelo patriarcado.

Na proposta teórica de João dos Santos, destaca-se a importância atribuída à maternidade como um momento permeado de implicações educativas, sem atribuir somente à mulher-mãe a responsabilidade pelo desenvolvimento da criança. O que o meio familiar e o Estado podem oferecer condições favoráveis para que o bebê estabeleça relações de segurança, comunicação e pertencimento desde o início da vida. O autor, que fundou em Portugal dois centros de atenção materno-infantil com o objetivo de oferecer suporte integral à mãe e ao bebê, defende que uma reforma educacional deve começar na maternidade, pois assim desde tenra idade a criança será assistida para a promoção de seu desenvolvimento físico, motor, mental, emocional e intelectual.

Outro ponto de convergência entre os temas envolvidos pelas autoras pesquisadas e a perspectiva santiana diz respeito à organização familiar. No contexto capitalista atual, a mulher é levada a desenvolver redes de apoio, conceito que Santos denomina “família alargada”, para conciliar o trabalho com a maternidade sem ser vista como alguém que “negligencia” os filhos. Trata-se de uma busca pelo direito de ser, simultaneamente, mãe, mulher e profissional.

Diante do exposto, consideramos que, com base na bibliografia estudada, o papel da mulher em diferentes esferas sociais representa uma luta diária contra padrões e ideais ultrapassados, que ainda a posicionam como inferiores ao homem. Observamos que ser mulher e gestar, o feminino e a

maternidade, ser mãe e educar são dimensões interligadas na mulher contemporânea, que busca, acima de tudo, o direito de ser aquilo que deseja.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2016.

BRANCO, Maria Eugénia Carvalho e. Vida, pensamento e obra de João dos Santos. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GUERRA, Cris. Mãe. Belo horizonte: Miguilim, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (Coleção Temas Sociais)

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de segunda onda: corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, João dos. A Casa da Praia: o psicanalista na escola. 5. ed. Reino Unido: Product Solutions Catalysis Ltd, 2018. E-book (Kindle)

SANTOS, João dos. Ensaios sobre Educação - I: a criança quem é? 3. ed. Reino Unido: Product Solutions Catalysis Ltd, 2016. E-book (Kindle)